FACULDADE DO BAIXO PARNAÍBA
CURSO DE LETRAS

ALMICELY DUTRA VASCONCELOS
IDALYNNE MENDES LIMA
MARIA GRACILENE ALVES DINIZ

OBRAS POÉTICAS DE FLORBELA ESPANCA: a expressão de seus momentos vividos

Chapadinha
2015

ALMICELY DUTRA VASCONCELOS
IDALYNNE MENDES LIMA
MARIA GRACILENE ALVES DINIZ

OBRAS POÉTICAS DE FLORBELA ESPANCA: a expressão de seus momentos vividos

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras da Faculdade do Baixo Parnaíba – FAP como requisito para conclusão do curso de Licenciatura em Letras

Orientador: Prof. Esp. Radson Ferreira do Vale

Chapadinha
2015

ALMICELY DUTRA VASCONCELOS
IDALYNNE MENDES LIMA
MARIA GRACILENE ALVES DINIZ

OBRAS POÉTICAS DE FLORBELA ESPANCA: a expressão de seus momentos vividos

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras da Faculdade do Baixo Parnaíba – FAP como requisito para conclusão do curso de Licenciatura em Letras

.

Aprovada em ____/ ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

_____
Prof. Radson Ferreira do Vale(Orientador)
Especialista em Docência do Ensino Superior
Faculdade do Baixo Parnaíba - FAP

_____
1º Examinador

_____
2º Examinador

A Deus.

Ás nossas famílias, principalmente aos nossos pais e cônjuges.

A Leonidio Garreto Vasconcelos *in memorian.*

E a todos que nos apoiaram em nossa jornada.

AGRADECIMENTOS

Sou grata a Deus pela supremacia de me dar forças e capacidade de concluir essa etapa em minha vida. Agradeço a meu pai Almir Vasconcelos, pelos sábios ensinamentos e incentivos para que hoje a concretização deste sonho fosse possível. A meu esposo Jorlean Costa pelo apoio nos momentos mais difíceis e pela infinita e incomparável compreensão. A nossa colega Maria Meires, pelo apoio solidário e aos nossos colegas de turma pelo incentivo e socialização de saberes de forma direta e indireta nessa nova conquista.

ALMICELY DUTRA VASCONCELOS

Agradeço primeiramente a meu Deus Pai todo poderoso por ter me guiado e protegido nessa caminhada difícil. Agradeço aos meus avôs Antônia e Antônio e aos meus pais Ildener e Rômulo pela dedicação, paciência e incentivos com palavras sábias. Agradeço também aos meus irmãos Ingrydi e Rennan pelo seu carinho e amor por mim. A uma pessoa especial em minha vida, minha filha linda Idaellen pelos beijos diários, abraços e palavras de carinho. Ao meu esposo Dyonne e minha sogra Conceição que estiveram do meu lado durante esta jornada. E à minha tia Romênia, pois foi vendo o exemplo de mulher que é que surgiu dentro de mim o desejo de cursar Letras e hoje sou grata por ela ser minha fonte inspiradora.

IDALYNNE MENDES LIMA

Agradeço primeiramente a Deus que iluminou meus caminhos e me deu forças e perseverança na fase final deste sonho tão desejado. A meu marido, Adiel Sousa, por estar sempre ao meu lado aconselhando-me a não desistir deste sonho. Às minhas tias, Marinete e Maria do Socorro, que apoiaram-me como verdadeiras mães. Não posso deixar de agradecer imensamente à Adalzinete por ter contribuído financeiramente desde o início do curso. À instituição de ensino FAP e seus profissionais pela oportunidade de vivenciar o mundo acadêmico. Ao nosso orientador, Radson Vale, pela indicação do caminho a ser seguido. Enfim, a todos que de alguma forma contribuíram para a realização desse trabalho.

MARIA GRACILENE ALVES DINIZ

“Eu quero amar, amar perdidamente!
Amar só por amar: Aqui... além...
Mas Este e Aquele, o Outro e toda a gente...
Amar! Amar! E não amar ninguém!”

Florbela Espanca

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a vida e as obras literárias de Florbela Espanca (1894 – 1930) e compreender a abordagem de temas de caráter íntimo e confessional em seus poemas. Selecionou-se, das obras de Florbela Espanca, os sonetos retirados dos seus três primeiros livros, sendo os dois primeiros publicados em vida: Livro de Mágoas (1919); Livro de Sóror Saudade (1923); e o póstumo livro Charneca em Flor (1931). Espanca alcançou reconhecimento e prestígio intelectual em um tempo de resistência à produção cultural feminina. Apesar da estética modernista em vigor, sua expressão poética exaltava o amor e a dor. Ela viveu a fundo esses estados compassivos, ora de depressão, ora de exaltação. Assim, a concentração em si mesma fez com que seus poemas atingissem tão vibrantes expressões. Afinal, a escritora viveu tudo aquilo que ela escreveu.
Palavras-chave: Florbela Espanca. Sentimentos. Poesias.

ABSTRACT

This paper aims to examine the life and literary works of Florbela Espanca (1894 - 1930) and understand the approach of intimate and confessional character themes in his poems. , Is selected from the works of Florbela Espanca, the sonnets removed from their first three books, the first two being published in Life: Book of Sorrows (1919); Book Soror Saudade (1923); and the posthumous book Heath Blossom (1931). Beats achieved recognition and intellectual prestige in a stress-the female cultural production. Despite the modernist aesthetic into force, its poetic expression exalted love and pain. She lived deeply compassionate these states, sometimes depression, sometimes exaltation. Thus, the concentration in itself made her poems reached as vivid expressions. After all, the writer lived everything she wrote.
Keywords: Florbela Espanca. Feelings. Poetry.

SUMÁRIO

		p.
1	**INTRODUÇÃO**	10
2	**AS VANGUARDAS EUROPEIAS E O MODERNISMO EM PORTUGAL**	12
2.1	**A mulher na sociedade portuguesa no início do século XX**	17
3	**FLORBELA ESPANCA**	19
3.1	**Florbela e Apeles Espanca**	22
3.2	**Florbela e seu pai**	23
3.3	**Florbela e sua vida conjugal**	24
4	**EXPRESSÃO POÉTICA FLORBELIANA**	30
4.1	**Saudosismo**	33
4.2	**Narcisismo**	34
5	**PRINCIPAIS OBRAS POÉTICAS DE FLORBELA ESPANCA**	37
5.1	**Livros de Mágoas**	37
5.2	**Livro de Sóror Saudades**	42
5.3	**Livro de Charneca em Flor**	45
6	**CONCLUSÃO**	50
	REFERÊNCIAS	51

1 INTRODUÇÃO

A transição do século XIX para o século XX mudou os rumos da literatura. A sociedade portuguesa vivia uma situação de crise aguda na política e na economia, além da desagregação de valores. Em busca da originalidade independente, os rumos da literatura se alteraram decisivamente a partir de 1915. Os autores visionários buscavam a renovação radical da expressão e a superação da superficialidade da criação literária e a vanguarda europeia desafiou decisivamente esse momento literário e artístico, precedendo o Modernismo Português.

O pensamento modernista português estava no ápice, mas não afetava todos os escritores da época. A autora Florbela Espanca, considerada atualmente artista notável na literatura portuguesa, não foi adepta aos impulsos de renovação literária, apresentando características da estética romântica nos sonetos de sua produção poética. Desta maneira, Florbela Espanca destacava-se por seus atributos poéticos ao transcrever, para suas produções, o drama de sua vida turbulenta.

Por essa razão, na academia, o contato com as criações artísticas dessa artista portuguesa, ainda que incipiente, estimulou posteriormente o aprofundamento do estudo de sua vida e obra que resultaram na produção deste trabalho monográfico.

O estudo biográfico de Florbela Espanca tem uma grande relevância, pois, em uma época em que a mulher era submissa ao homem, sofria preconceito social e tinha pouco destaque na sociedade, a autora compôs obras inovadoras, não sendo adepta aos movimentos e correntes literárias vigentes, mas buscando sua autenticidade. Florbela expressou seu drama íntimo por traços saudosistas e narcisistas. A busca delirante pela felicidade e pelo amor surreal convida o leitor a se envolver com sua história de vida.

Nessa perspectiva, o conhecimento sobre a vida de Florbela Espanca propicia a compreensão das críticas a respeito de uma mulher que foi muito censurada pela classe burguesa. Objetiva ainda mostrar a relação das produções literárias da autora com a sua própria existência, que são conhecidas como poesia-confissão, pois expressou seus anseios, desilusões e decepções amorosas em forma de cartas, contos e sonetos.

Portanto, a poesia florbeliana é uma confissão de desejos íntimos, dotada de grande sensibilidade, feminilidade e erotismo com uma linguagem poética individual e intensa.

Por isso, para o desenvolvimento da pesquisa, os recursos metodológicos utilizados foram de natureza bibliográfica para a obtenção de informações no intuito de organizar apropriadamente os dados coletados, como consulta a livros e a busca de sites na internet para compreender o objeto de estudo: as obras e a vida de Florbela.

Como a poetisa foi uma mulher que causou muito incômodo para a sociedade portuguesa, há muitas versões sobre sua vida e suas obras. Portanto, foram selecionadas referências específicas ao objetivo proposto, através de leitura exploratória do material bibliográfico e de leitura crítica de seus poemas. Os autores que fundamentaram o presente trabalho foram: Teles (2009), Moisés (2008 – 2012), Régio (1989).

A estrutura do trabalho configura-se de acordo com as etapas da vida da autora para possibilitar uma visão global da trajetória de sua produção artística. Inicialmente, será abordado o contexto histórico e literário do início do século XX, as principais Vanguardas Europeias e as três gerações modernistas. Em seguida, abordar-se-á a biografia da autora. Também serão debatidas as principais expressões poéticas da autora, como o saudosismo e o narcisismo. E, por fim, será apresentada a análise das principais obras poéticas de Florbela Espanca.

2 AS VANGUARDAS EUROPEIAS E O MODERNISMO PORTUGUÊS

O início do século XX foi radicalmente um período de mudanças, com avanços tecnológicos, culturais e sociais. A situação da sociedade portuguesa não era estável. Entre outros aspectos, ela vivia uma crise de desagregação de valores. Neste período, o desenvolvimento do homem acelerou intensamente com o advento da ciência tecnológica que propiciou criações e grandes descobertas, como a eletricidade, o rádio, o cinema, o avião, o automóvel, o telégrafo sem fio, a moda feminina. E na euforia de expressão e a busca por estéticas inovadoras surgem as Vanguardas Europeias. Elas influenciaram muitos autores a produzirem obras diversificadas que romperam com as estruturas estéticas e sociais vigentes. Era o surgimento da modernidade e da renovação literária.

De acordo com Teles (2009), a palavra Vanguarda origina-se do francês *avant-garde,* que resulta na significação de "estar à frente, à diante de um movimento". Por isso, designa grupos de indivíduos que desempenham papéis importantes, pioneiros em determinados movimentos. Na definição de Teles (2009, p.102), "o termo significava a parte mais radical dos movimentos literários e artísticos." A vanguarda renovou de forma intensa a sociedade na literatura e na arte, experimentando o espírito polêmico e marcante da *"belle époque*".

> [...] a vanguarda representa a mudança de crenças experimentadas no pensamento e na arte do mundo ocidental, desde o início do século XX. Toda vanguarda sempre se caracteriza pela sua agressividade, manifesta no antilogismo, no culto a valores estranhos (o negrismo dos cubistas), os poderes mágicos, a beleza caótica da anarquia, o instantaneísmo, o dinamismo, a imaginação [...]. (TELES, 2009, p.102, grifo do autor)

A Vanguarda Europeia e seus movimentos implicariam em sua característica principal, a de renovação literária. As correntes de Vanguarda Europeia que revolucionaram a literatura e a arte são cinco: Futurismo, Dadaísmo, Cubismo, Expressionismo e Surrealismo, conhecidos como os "ismos" da Literatura Portuguesa.

O Futurismo, movimento literário e artístico bastante nítido a partir do próprio nome, cultuava o futuro, a novidade. Foi liderado pelo jovem poeta italiano Filippo Tommaso Marinetti (1876-1944). E, com a intenção de romper com o passado, abordava a temática da guerra, sugeria propostas violentas e radicais em

relação à arte literária do século XIX e contra todos os padrões usuais de sintaxe gramatical. Vicentino (1997, p. 476, grifo do autor) assim define esse movimento:

> uma arte em sintonia com a 'era das máquinas, da velocidade e das grandes massas agitadas pelo trabalho ou pela rebelião', que se definia esteticamente como 'renovador, antitradicional, otimista, heróico e dinâmico'.

O movimento ultrapassou as teorias existentes, acompanhou o desenvolvimento tecnológico e com audácia adotou o lema "demolir os museus e as bibliotecas", intencionando a ruptura da cadeia sintática e o uso das palavras com liberdade.

A agressividade, improvisação e desordem principiaram também o Dadaísmo (ou Dadá) pela repulsa a qualquer tipo de racionalização. Segundo Teles, (2009, p.168), o líder Tristan Tzara (1896-1963) afirmava que: "Dadá não significa nada." Diante dessa afirmação, percebe-se que o movimento caracteriza-se pela oposição a qualquer tipo de equilíbrio.

Teles (2009, p.170) afirma que "para os dadaístas, entretanto não havia passado, nem futuro: o que havia era guerra, o nada; e a única coisa que restava ao artista era produzir uma antiarte, uma antiliteratura." Assim, aqueles que eram adeptos a esse movimento caracterizavam-se pelo ilogismo e contradição de valores.

O Cubismo, vanguarda que desfragmentava a realidade, é compreendida como o próprio nome sugere, remetendo à ideia de formas geométricas (cubos, cones e cilindros) tal qual a principal sua característica. Segundo Teles (2009), o poeta Apollinaire (1880-1918) interpretou e representou na literatura a poesia em forma de desenhos, assim como retratava na pintura cubista os ângulos da realidade cotidiana.

Os autores cubistas ampliaram a técnica de representação através de formas geométricas, destacando suas principais características. Com isso, os famosos caligramas traduziam as dimensões da realidade em palavras e estruturas geométricas, sob o sistema poético de subjetividade e desfragmentação da realidade.

Em contemplação ao intelectualismo e ilogismo, os autores cubistas tentavam sugerir o humor na representação de suas poesias, propondo diversos ângulos de visão. As representações geométricas transmitiam a beleza do objeto na

essência de sua estrutura e as poesias eram carregadas de desordem e sincronia com a realidade.

Teles (2009, p. 149) assevera:

> Desenvolveram um sistema poético de subjetivação e desintegração da realidade, criando por volta de 1917 [...] uma poesia cujas características são o ilogismo, o humor, o anti-intelectualismo, o instantaneísmo, a simultaneidade e uma linguagem predominantemente nominal e mais ou menos caótica.

Tal como no Dadaísmo, surge em 1910, uma nova corrente na busca do ilogismo e da expressão do interior, o Expressionismo. Um movimento que claramente representou as expressões reais e internas do sofrimento humano, sem disfarces do belo ou do feio. Os expressionistas registravam as formas mais exóticas, segundo sua leitura de mundo.

Sobre isso, cabe saber que:

> O expressionismo, no seu sentido amplo, caracteriza a arte criada sob o impacto da expressão, mas da expressão da vida interior, das imagens que vêm do fundo do ser e se manifestam pateticamente. [...] Tomava-se a expressão como uma impressão interior que se manifesta sob o impulso de uma intuição superior e ordenadora dos elementos de forma e conteúdo. O que devia contar era a expressão, o ato de exprimir [...] (TELES, 2009, p.137)

O Expressionismo apareceu contendo o desejo de representar a realidade em seus planos interiores e de “equilíbrio” abstrato encontrados em torno dos elementos, dos sentidos e do ilogismo humano. A ideia central era a expressão do poeta, expressão advinda de um momento íntimo com seu interior.

A nova poesia expressionista “via a destruição do mundo, mas sabendo que do caos se organizaria uma estrutura superior, que era a verdadeira beleza.” (TELES, 2009, p.170). O movimento decorrente do caos da Primeira Guerra Mundial apresentou uma poesia repleta de palavras impactantes, confusas e cheias de metáforas que assinalaram as forças obscuras, excêntricas, anti-intelectuais e contraditórias ao pensamento passivo e lógico do ser humano.

Em 1924, surge uma nova corrente, a dos surrealistas. Seus representantes vinham do Futurismo, Cubismo e Dadaísmo. No Surrealismo, eles exploraram as expressões do psiquismo humano e a técnica da escrita automática sob resquícios do Futurismo, entre tantas outras. No entanto, os surrealistas rejeitaram a pura destruição do Dadaísmo, dando prosseguimento aos traços já

determinados pelos dadaístas. A valorização dos sonhos, do mistério e do sobrenatural originou a denominação “surrealista” desse movimento.

> Os surrealistas julgavam necessário ir mais além, criando uma nova cultura. Com base nas descobertas da psicologia moderna que reconhecera a existência de uma infra-estrutura irracional a sustentar a alma humana, o surrealismo nasceu, segundo Breton, como ‘automatismo psíquico puro’, ou seja, com a ‘ausência do controle exercido pela razão, com exclusão de toda preocupação estética e moral’. (VICENTINO, 1997, p.475, grifo do autor)

O surrealismo retifica a ordem lógica dos objetos e do ambiente, induz a fuga do cotidiano e propõe a valorização da liberdade de relações psicológicas e culturais. Os surrealistas criaram uma nova cultura recorrente à alquimia e ao sobrenatural, baseados no método psicanalítico e no método de escrita automática, descobertos na psicologia moderna desenvolvendo, assim, outras dimensões de produção poética e artística.

Em suma, o Futurismo e o Dadaísmo enfatizam a ruptura das regras métricas, impondo uma rejeição ao academicismo, abolindo o passado de maneira brusca e utilizando uma linguagem cotidiana. Enquanto o Cubismo e o Expressionismo estão engajados na construção de novos valores. O Cubismo valoriza as formas geométricas em ângulos da própria realidade e o Expressionismo retrata o exagero exótico e real das expressões interiores do ser humano. O Surrealismo apoia-se na liberdade de imaginação, em que a arte nasce da fantasia, do irracional, do ilogismo e das forças sobrenaturais do inconsciente.

No contexto do início do século XX, o progresso alcançado pela tecnologia e as descobertas da ciência produziram nos intelectuais portugueses um sentimento de busca por novas formas de expressão. Surge, então, o movimento revolucionário e de grande repercussão que daria um ponto final ao tradicionalismo e à indiferença da realidade objetiva: o Modernismo.

À luz das modernas vanguardas europeias, alguns jovens fundaram a *Revista Orpheu*, um ano após o início da Primeira Guerra Mundial. Sua primeira edição foi publicada em 25 de março de 1915, abalando a sociedade portuguesa ao apresentar um conteúdo totalmente inovador para a época. A *Revista Orpheu* representou a primeira fase do Modernismo e rompia com as regras de sintaxe, rimas e métricas. Era agora uma geração com poesias complexas, de difíceis interpretações, mas comprometida em esquecer o ideário romântico e comprometer-se com a realidade moderna.

O movimento Modernista apresenta-se sob três momentos: Orfismo, Presencismo e Neo-realismo.

O Primeiro Momento do Modernismo (1915-1927) também ficou conhecido como “Orfismo” representado pelo impacto das duas edições da *Revista Orpheu.* As edições da revista foram publicadas em 1915, sob a direção de Luís Montalvor na primeira edição e de Fernando Pessoa e Mário de Sá Carneiro na segunda edição.

Foi indispensável a participação de intelectuais que lançava ao público um conteúdo extremamente contrário ao que a sociedade era acostumada a apreciar, revolucionando e transformando a cultura portuguesa no cenário europeu, merecendo destaque os escritores Fernando Pessoa, Mário de Sá Carneiro e Almada Negreiros.

Luís de Montalvor afirma na introdução da revista Orpheu:

> [...] ORPHEU, é um exílio de temperamentos de arte que a querem como a um segredo ou tormento... Nossa pretensão é formar, em grupo ou ideia, um número escolhido de revelações em pensamento ou arte, que sobre este princípio aristocrático tenham em ORPHEU *o seu ideário esotérico* e bem nosso *de nos* sentirmos e conhecermo-nos. (MONTALVOR, 1915, p. 328 apud MOISÉS, 2008, p.328)

Com o suicídio de Mário de Sá Carneiro, a revista Orpheu encerra suas publicações e, posteriormente, inicia-se uma nova fase do Modernismo português, com a revista Presença.

No Presencismo, os autores que não se destacaram no Orfismo, João Gaspar Simões, José Régio, Adolfo Casais Monteiro e outros críticos, fundam a revista *Presença – Folha de Arte e crítica*, em 1927.

Essa segunda fase ficou conhecida como o Segundo Momento do Modernismo (1927-1940). José Régio, um dos principais fundadores da revista, pretendia dar continuidade a revista *Orpheu*, mas agora com menos radicalismo, com uma literatura mais intimista e artística.

O Terceiro Momento (1940-1947) também chamado de Neo-realismo iniciou-se em 1940. Defendia a literatura voltada à sociedade, crítica documental e reformadora, uma aversão ao intimismo e subjetivismo do Segundo Momento. A publicação do livro *Gaibéus,* de Alves Redol foi marcante nesse movimento. A nomenclatura traz o “novo realismo” pregado pela literatura marcadamente social.

2.1 A mulher na sociedade portuguesa no início do século XX

O Código Civil Napoleônico de 1867, conhecido por Código de Seabra, regulamentava a situação da mulher na sociedade portuguesa e esteve em vigor até 1967. A posição da mulher no início do século XX era de extrema obediência ao marido. Além de não poder realizar negócios, a não ser sob ordens do cônjuge, ela devia exclusivamente prestar serviços no lar e na criação dos filhos. O adultério masculino era tratado com indiferença pela sociedade. Quando a mulher descobria o adultério do marido, ele apenas pagava uma multa equivalente à sua renda mensal, e ela só poderia pedir o divórcio mediante escândalo público. Porém, no adultério feminino, o homem poderia pedir o divórcio mesmo sem escândalo público, e a esposa ainda era punida com detenção de dois a oito anos. (A SITUAÇÃO..., 2014)

Portanto, o papel da figura feminina limitava-se aos cuidados dos filhos e aos serviços domiciliares. Havia uma grande desvalorização e desigualdade em relação à figura feminina, o homem caracterizava-se pela autoridade e a mulher, pela submissão.

A educação ainda era de privilégio daqueles que tinham mais poder e a restrição aumentava rigorosamente, quando se tratava de educação feminina. Nesse período, havia impedimento em relação ao que era ensinado e estudado.

A educação escolar era oferecida gratuitamente pelo Estado, mas nem todos tinham acesso, e a educação privada era oferecida em conventos ou em casa. A partir das mudanças ocorridas no final XIX nas relações sociais e na educação, surgiram diversos protestos e movimentos feministas no início do século XX. As mulheres, com efeito, abandonam o isolamento domiciliar para agirem como cidadãs ativas, buscando a valorização feminina pessoal e social. Os protestos eram liderados por algumas mulheres instruídas que reuniam pequenos grupos de reflexão para comandar grupos maiores.

Os movimentos feministas surgiram nos Estados Unidos em 1840, com grande destaque à formulação dos direitos das mulheres. Nesse período, em Portugal, a educação feminina não era tão valorizada. Por volta de 1845, existiam somente 41 escolas femininas do Estado. Devido ao grande número de mulheres e as poucas escolas do Estado, o índice do analfabetismo era muito grande.

A luta pelos direitos feministas só ganharam destaque por volta de 1900 a 1920. A evolução das condições femininas cresceu com vigor, quando, em 1909,

Adelaide Cabete, Ana de Castro Osório e Maria Veleda divulgam seus ideais feministas e criam a Liga Republicana das Mulheres Portuguesas. Essa organização se propôs a orientar, defender e instruir as mulheres portuguesas, resultando na conquista de alterações fundamentais no Código Civil, como novas leis a respeito do casamento e a aprovação do direito ao divórcio com a divisão parcial de bens. Com a Constituição de 1911, as mulheres ganharam o direito à função pública e ainda o acesso à escolaridade dos 7 aos 11 anos. (A SITUAÇÃO..., 2014)

Surgem as divergências na organização feminista e Ana de Castro Osório se dissocia e conduz, em 1911, a Associação de Propaganda Feminista.

3 FLORBELA ESPANCA

Flor Bela de Alma da Conceição Lobo nasceu em Vila Viçosa, Portugal, às duas horas da madrugada em 8 de dezembro de 1894, filha de João Maria Espanca e de Antônia da Conceição Lobo. (MOISÉS, 2008)

O seu pai herdou a profissão de sapateiro e trabalhava como antiquário. Era um republicano casado oficialmente com Mariana do Carmo Inglesa, mas mantinha uma relação extraconjugal com uma criada da casa, Antônia da Conceição Lobo. Desse relacionamento com a criada, nascem dois filhos: Florbela Espanca e Apeles Espanca, ambos nasceram em Vila Viçosa. Quando registrados, tiveram filiação de pai incógnita.

Apesar de não terem sido reconhecidos legitimamente pelo pai, os irmãos foram criados e educados pelo próprio pai e pela madrasta Mariana Inglesa, também madrinha de batismo de Florbela, sendo o padrinho um grande amigo da família, Daniel da Silva Barroso.

Aos nove anos, já compunha seu primeiro poema "*A vida e a morte"*, ao irmão Apeles Espanca, seguido de um poema de aniversário ao pai e seu primeiro conto intitulado "*Mamã!"* dedicado à sua mãe.

Em 1908, um ano após ser homenageada com o conto escrito por Florbela, sua mãe morre com apenas vinte e nove anos de idade. A ausência do amor materno foi um dos motivos pelo qual Florbela sofreu muito. Assim como escrito no poema "*Eu"*, abaixo:

> Eu sou a que no mundo anda perdida,
> Eu sou a que na vida não tem norte,
> Sou a irmã do Sonho, e desta sorte
> Sou a crucificada... a dolorida...
>
> (Florbela Espanca, 1919)

Florbela apegou-se fortemente ao seu irmão Apeles Espanca que foi um amigo confidente durante muito tempo. Depois que Florbela casou-se, os dois trocavam cartas que tratavam de confidências pessoais e relações amorosas.

Apeles, irmão de Florbela, morre no dia 06 de junho de 1927 em um acidente de avião. Essa perda faz com que a saúde psicológica de Florbela fique comprometida. Ela, então, descreve o sofrimento da perda do irmão no poema "*In memoriam*". Veja trecho abaixo:

> [...] Olha o nosso irmão Sol, nossa irmã Água..."
> Ah, Poverello! Em mim, essa lição
> Perdeu-se como vela em mar de mágoa
> Batida por furiosos vendavais!
> Eu fui na vida a irmã dum só Irmão,
> E já não sou a irmã de ninguém mais!
> (Florbela Espanca 1919)

No poema, Florbela lamenta a dor causada pela morte do irmão Apeles, uma dolorosa lição que para ela esvaneceu como “a vela em mar de mágoa” (ESPANCA, 1919, apud RÉGIO, 1989, p. 150), a vida apagou-se como a chama de uma vela, restando-lhe as mágoas. No último terceto, a poetisa relata o que causou a morte de seu único irmão, ocorrida pela queda em consequência de uma tempestade do avião que ele mesmo pilotava. Nas últimas linhas, ela complementa sua dor dizendo já não é “irmã de ninguém mais!”. A poetisa vê-se sozinha, acreditando ser uma lição dolorosa que a vida lhe condicionava.

Segundo Bock, Furtado e Teixeira (2008, p. 344):

> Isso pode ocorrer quando se perde alguém muito próximo e querido, em situações altamente estressantes, em que o indivíduo se vê com muitas dúvidas e não percebe a possibilidade de pedir ajuda e/ou resolver sozinho tal situação. A pessoa, então, busca a superação desse sofrimento, o restabelecimento de sua organização pessoal e de seu equilíbrio, isto é, o retorno às condições anteriores de rotina de sua vida, em que não tinha insônia, não chorava a toda hora, não tinha os medos que agora tem.

O amor fraterno possibilita a solidariedade e a compaixão, buscando o desenvolvimento integral do homem, sua libertação, sua autonomia. O sofrimento intenso que Florbela sentiu com a perda do irmão fez com que a autora duvidasse de que outras pessoas pudessem ajudá-la, tirando a possibilidade de superação e sem conseguir retornar à sua condição natural. As consequências desse sofrimento fizeram-lhe exaltar ainda mais a dor e a morte em suas obras.

Além da exaltação da dor, Florbela também exaltava o amor com um sublime manuseio de palavras. O amor intenso que não conseguia encontrar lhe trazia saudades do que ainda não tinha vivido. Tinha desejos sensuais, que se referem ao amor carnal, eróticos e impróprios para a sociedade de sua época.

O termo erótico era confundido com vulgaridade, sendo que erótico é aquilo que descreve ou provoca o amor ou o desejo sexual, diferente de pornográfico que se refere a indecências ao pudor.

Os desejos íntimos de Florbela não depreciavam o ato sexual. Eram dotados de intensa feminilidade, erotismo e sensibilidade, que caracterizavam o

drama íntimo pelo caráter confessional florbeliano, aliados a uma imensa ternura e a um desejo de felicidade e plenitude que só poderão ser alcançados no absoluto, no vasto infinito.

3.1 Florbela e Apeles Espanca

Apeles Lobo nasceu em 1897, quando Florbela tinha apenas 03 anos de idade e, assim como ela, Apeles só foi registrado com o sobrenome da mãe Antonia da Conceição Lobo. Devido aos problemas de infância, como o reconhecimento oficial por parte do pai, a morte da mãe e pelo fato de que Florbela era mais velha e cuidou de seu irmão como uma mãe cuida do filho, fica claro que os dois se conheciam e compreendiam as necessidades entre si. Assim, tornaram-se grandes amigos confidentes. Apeles era a única pessoa que Florbela tinha total confiança, que conhecia todos os segredos de Florbela.

Florbela descreve seus sentimentos em um de seus poemas *"Roseira brava"* onde fica claro a admiração que ela tinha pelo irmão no primeiro quarteto *"Há nos teus olhos de oiro um tal fulgor* / *E no teu riso tanta claridade,* /*Que o lembrar-me de ti é ter saudade* /*Duma roseira brava toda em flor."* (ESPANCA, 1931 apud RÉGIO, 1989, p. 204)

No segundo quarteto, a autora expressa o afeto que o irmão transmite ao tocá-la e abraçá-la, como quem se sente protegida e acalentada por um amor sem maldades ou sem segundas intenções. "*Tuas mãos foram feitas para a dor,*/*Para os gestos de doçura e piedade;*/*E os teus beijos de sonho e de ansiedade/São como a alma a arder do próprio amor!"* (ESPANCA, 1931 apud RÉGIO, 1989, p. 204)

Quando a poetisa afirma, no primeiro terceto, que "*Nasci envolta em trajes de mendiga;"* ela está se referindo às condições de filha bastarda. Ainda no primeiro terceto, a autora expressa a alegria de ter ganhado um irmão, tamanha alegria é comparada a um presente valioso: "*E, ao dares-me o teu amor de maravilha*,*/ Deste-me o manto de oiro de rainha!"* (ESPANCA, 1931 apud RÉGIO, 1989, p. 204)

No segundo terceto, pode-se observar a declaração de amor e cumplicidade que a poetisa declara ao irmão, a palavra Amor não é o suficiente para expressar este sentimento tão raro, quando a autora diz: "*Tua irmã...Teu amor... e*

tua amiga/ E também, toda em flor, a tua filha,/ Minha roseira brava que é só minha! [...]*"*(ESPANCA, 1931 apud RÉGIO, 1989, p. 204)

Para António Freire, a relação entre os dois irmãos é a seguinte:

> É certo que Florbela dedicava ao irmão uma amizade, uma ternura, como de mãe a filho estremecido. Fora ele quem melhor compreendera quem procurava suavizar as suas mágoas, quem passara a tela um dos mais originais retratos da poetisa; e quem, finalmente, privado, como ela, do carinho de pai e mãe, mais veio a precisar do afeto maternal, que ela já desde os quatro anos lhe dispensava. (ESPANCA; FREIRE, 1977, p.57)

O amor entre os irmãos é algo recíproco, que reflete um sentimento puro ocasionado pelo trágico destino.

Apeles Espanca não tinha talento com as palavras, assim como a irmã, estudou na Escola Naval e chegou a ser primeiro-tenente da Marinha. Ele se correspondia com frequência com Florbela. As cartas serviam de consolo para os irmãos que antes eram inseparáveis.

Em dezembro de 1925, a noiva de Apeles morre. Esse fato o leva a pensar em suicídio, como relata em uma das cartas que mandou à irmã. Em um voo de treino, o hidroavião que Apeles Espanca estava sumiu em meio a uma grande tempestade e nunca encontraram o corpo de Apeles perdido no mar. Sua morte foi datada em 06 de junho de 1927.

Florbela sofreu demasiadamente com o falecimento do irmão e escreve o livro “As máscaras do destino” dedicado: “Ao meu irmão, ao meu querido morto!”. A partir daí, a autora demonstra indícios de depressão, vício em fumar e não se anima mais em viver.

3.2 Florbela e seu pai

O republicano João Maria Espanca era casado com Mariana do Carmo Toscano, também conhecida como Mariana Inglesa que não podia dar-lhe filhos. João Espanca resolveu tê-los com uma criada da casa, Antónia da Conceição Lobo. Manteve uma relação de aproximadamente sete anos com a criada e tiveram dois filhos: Florbela e Apeles.

João Espanca não registrou os filhos com o seu sobrenome, deixando-os com filiação de pai e avós incógnitos. A pequena menina foi criada na casa do pai e

da madrasta Mariana Inglesa e aos dez anos de idade já compunha suas primeiras poesias, e uma delas foi um poema em homenagem ao aniversário do pai.

Enquanto criança, Florbela tinha uma relação afetiva saudável com o pai, porém, essa relação tornou-se incerta com o decorrer de sua vida, pois a autora persistiu no fatal estigma de fixar-se ao acaso da morte da mãe e tentar compreender o descaso de ter pai desconhecido oficialmente.

A saudade, associada à tristeza e à nostalgia juntam-se à melancolia, e a autora passa a buscar respostas para os conturbados acontecimentos de sua vida.

> [...] Estou cansada, cada vez mais incompreendida e insatisfeita comigo, com a vida e com os outros. Diz-me por que não nasci igual aos outros, sem desejos impossíveis? E é isso que me traz sempre desvairada, incompatível com a vida que toda gente vive. (GUEDES, 1985, p. 221).

No trecho, o sentimento de melancolia se abate sobre o estado insatisfeito e incompreendido da autora. Assim, o eu lírico busca em meio a palavras manifestar seu estado fatídico de desânimo e fracasso.

Florbela, aos 28 anos de idade, divorcia-se de seu primeiro marido Alberto Moutinho no mesmo ano em que seu pai divorcia-se de Mariana Inglesa para casar-se com Enriqueta das Dores Almeida.

Em 1925, sofreu a ausência do pai ao separar-se de seu segundo marido. Em um intervalo de dois anos, a poetisa e o pai não trocaram correspondências, até que recebendo uma carta do pai, respondeu-o com a seguinte mensagem:

> Paisinho. Já estava a ver que nunca mais recebia carta tua e já não estava mesmo nada contente. Eu estava há muito tempo morta por te escrever, mas não o fiz por duvidar de ti, do meu irmão, da Henriqueta, de todos; pensei que nunca mais quisessem saber de mim e, orgulhosa como sempre fui, não quis ir ao encontro duma possível humilhação. O meu pecado foi julgar que o coração dum pai não era capaz de compreender o mal dos filhos; bem castigada fui por tal pensamento, pois o vosso afastamento de quase dois anos foi a minha única nuvem negra. (ESPANCA; FREIRE, 1977, p.67).

Nesta carta escrita ao pai, é evidente o medo de ser esquecida por sua família e o medo de escrever e não ser aceita, mas se desculpa por ser orgulhosa e por duvidar do amor de seu pai. A autora fala do seu arrependimento por ter ficado tanto tempo sem se comunicar com sua família. O desprezo do pai a afetou fortemente, tendo que deixar o orgulho de lado para redimir-se. Mesmo com o medo da solidão e do esquecimento, Florbela ainda sentia que não era completamente aceita como filha.

João Espanca teve muitas profissões, como sapateiro, antiquário, fotógrafo e foi um dos introdutores do cinematógrafo em Portugal. Dedicou-se muito à fotografia, chegando a abrir um estúdio em Évora, elegendo Florbela Espanca sua modelo fotográfica. Por esse motivo, a iconografia de Florbela é abundante.

Curiosamente quando faleceu, Florbela ainda era registrada como “filha ilegítima de pai incógnito”, mesmo tendo sido criada pelo pai desde criança. Porém, em 13 de junho de 1949, em Vila Viçosa, João Espanca perfilhou oficialmente a poetisa. Fato ocorrido 19 anos após a morte da autora e 5 dias antes da inauguração de seu busto, na cidade de Évora.

João Maria Espanca morre em 03 de julho de 1954.

3.3 Florbela e sua vida conjugal

Nas relações amorosas, Florbela expressa levemente uma característica narcisista, por não conseguir se entregar totalmente ao amor e por viver um amor fantasioso, que só existia em sua imaginação, partindo do seu amor próprio, levando-lhe a sofrer. Porém, essa característica mostrava-lhe o desejo de encontrar o homem perfeito, mesmo ela sabendo tratar-se de um sonho ou uma perfeição surreal.

Como Moisés (2008) ressalva: O que leva a sofrer mais é a hipócrita condenação social, a ausência de um ‘outro’, ou melhor, do ‘Outro’. Isso fica evidente na segunda e terceira estrofe do poema “*Prince Charmant”, abaixo:*

> “[...] Ó noites da minh’alma tenebrosas!
> Boca sangrando beijos, flor que sente...
> Olhos postos num sonho, humildemente..
> Mãos cheias de violetas e de rosas...
>
> E nunca O encontrei!..Prince Charmant...
> Como audaz cavaleiro em velhas lendas
> Virá, talvez, nas névoas da manhã!”
>
> (Florbela Espanca, 1923)

No poema, o desejo de ter alguém ao seu lado é exprimido pela lamentação em suas noites tenebrosas, em que anseia ardentemente os beijos do seu amado e seus “olhos postos num sonho” manifestam seus sonhos surreais, humildemente cheios de esperança.

Metaforicamente, “mãos cheias de violetas e de rosas” são as mãos delicadas e sensíveis do seu “Prince Charmant”, mas que nunca o encontrou, pois é comparado a um ousado príncipe encantado de cavalo branco, que nunca vem, mas que ainda é esperado até “nas névoas da manhã”. (ESPANCA, 1923 apud RÉGIO, 1989, p. 88)

Florbela Espanca casou-se três vezes. O primeiro casamento foi com Alberto Moutinho. Os dois se conheceram na escola Liceu e previam um casamento perfeito, já que ambos tinham muitos interesses em comum, principalmente pela literatura. O casamento aconteceu no dia de seu aniversário, 08 de dezembro, no ano de 1913, em Vila Viçosa.

Florbela mostrou-se uma esposa ambiciosa, porém o casal enfrentava sérias crises financeiras. O grande interesse pelos estudos e principalmente pela arte de escrever foi um motivo que afetou seu relacionamento com Alberto Moutinho. O casamento foi ainda marcado pelo início de insanidade de Florbela Espanca, que a levou a um aborto espontâneo. O casamento durou oito anos e, então, veio a separação definitiva do casal, no dia 30 de abril de 1921.

Dois meses após seu divórcio com Alberto, Florbela casa-se pela segunda vez, agora com António José Guimarães. Este foi um dos casamentos mais sofridos de Florbela, por se tratar de um homem insensível, de formação militarista e machista.

Guedes (2000, p. 10) confirma, quando assevera que: “[...] sua formação militarista e machista, somada à grande falta de cultura, nunca deixou que ele a compreendesse como pessoa e nem como artista... e batia-lhe.” O relacionamento era conturbado e mais uma vez Florbela sofre um aborto. Mesmo em meio ao sofrimento, o esposo militarista não compreende as fraquezas de Florbela e após três anos e meio de casamento, ela decide se divorciar pela segunda vez. A autora descreve este sofrimento no poema *“Frieza”:*

> “Os teus olhos são frios como espadas,
> E claros como os trágicos punhais;
> Tem brilhos cortantes de metais
> E fugores de lâminas geladas.
>
> Vejo neles imagens retratadas
> De abandono cruéis e desleais,
> Fantásticos desejos irreais,
> E todo o oiro e o sol das madrugadas!

> Mas não te invejo, Amor, essa indif'rença,
> Que viver neste mundo sem amar
> É pior que ser cego de nascença!
>
> Tu invejas a dor que vive em mim!
> E quanta vez dirás a soluçar:
> "Ah, quem me dera, Irmã, amar assim!...
> (Florbela Espanca, 1923)

Florbela retrata em seus versos tudo que estava vivendo em meio a seu relacionamento conturbado, o abandono, a crueldade, as traições, enfim, todo sofrimento que viveu ao lado do que era pra ser seu “grande amor”.

Quando casada com António José Guimarães, Florbela adoeceu novamente e passou a ser atendida em sua casa por seu médico Mário Pereira Lage, com o qual manteve uma relação extraconjugal. O médico compreendia suas fraquezas e não aceitava as humilhações machistas do marido de Florbela. No mesmo ano do segundo divórcio, Florbela casa-se com seu médico Mário Lage.

Esse novo divórcio causou-lhe grandes transtornos que a deixaram muito abalada. Sua família rompeu relações com ela por dois anos. Ela relata:

> Sofri todas as humilhações, suportei todas as brutalidades e grosserias, resignei-me a viver no maior dos abandonos morais, na mais fria das indiferenças; mas um dia em que me lembrei que a vida passava, que a minha bela e ardente mocidade se apagava, que eu estava a transformar-me na mais vulgar das mulheres, e por orgulho, e mais ainda por dignidade, olhei de frente, sem covardias nem fraquezas, o que aquele homem estava a fazer da minha vida, e resolvi liquidar tudo simplesmente, sem remorso, sem a mais pequena mágoa. Estou a divorciar-me e para me casar novamente, se a lei me permitir, ou para viver assim, se a moralidade do código o exigir (ESPANCA, 1923, apud GUEDES, 2000, p. 11).

O sofrimento que passava era grande o suficiente para não se importar com os julgamentos da sociedade. O divórcio seguido de um novo casamento abalou seu relacionamento familiar e social. A coragem de Florbela foi necessária para resgatar sua dignidade para viver melhor e ainda assim optou pela virtude de esperar passar o tempo, sem remorso e nem mágoa de ninguém.

Segundo Bock, Furtado e Teixeira (2008, p. 165) “Existem dois afetos que constituem a vida afetiva: o amor e o ódio. Eles estão sempre presentes na vida psíquica – de modo mais ou menos integrados [...] e se expressam de diferentes modos na conduta de cada um.” Os autores também afirmam que os afetos básicos,

o amor e o ódio, manifestam-se como emoções e expressam os mais variados sentimentos. E Florbela optou pelo amor.

Diferente dos outros, o casamento com Mário Lage lhe trouxe grandes alegrias. Um dos motivos da felicidade de Florbela foi o aconchego da família de Mário Lage. Ela descreve a felicidade de ter finalmente encontrado o que por toda vida procurou: o amor, o afeto e o afago da família. Observe o poema "*Charneca em flor":*

"Enche o meu peito, num encanto mago,
O frêmito das coisas dolorosas...
Sob as urzes queimadas nascem rosas...
Nos meus olhos as lágrimas apago...

Anseio! Asas abertas! O que trago
Em mim? Eu oiço bocas silenciosas
Murmurar-me as palavras misteriosas
Que perturbam meu ser como um afago!

E nesta febre ansiosa que me invade,
Dispo a minha mortalha, o meu burel,
E, já não sou, Amor, Sóror Saudade...

Olhos a arder em êxtases de amor,
Boca a saber a sol, a fruto, a mel:
Sou a charneca rude a abrir em flor!"

(Florbela Espanca, 1931)

Constata-se que a poetisa descreve sua felicidade ao afirmar que, apesar de ter sofrido com as "coisas dolorosas" da vida, surge em meio às cinzas o nascimento de sua felicidade: "Sob as urzes queimadas nascem rosas [...]. " (ESPANCA, 1931 apud RÉGIO, 1989, p.113)

Florbela transmite a sensação de alívio, paz e alegria. Superou as tristezas que habitavam em íntimo e anseia sua felicidade entusiasticamente. Percebe-se nas entrelinhas que a autora está falando de "palavras misteriosas" que talvez não tivesse vivenciado antes, palavras de conforto e amor que fazem com que a escritora sinta-se segura no seio da família de seu amado.

A poetisa acrescenta que agora está livre do sofrimento e da dor causada pela saudade do que não viveu: "E, já não sou, Amor, Sóror Saudade...". A autora agora está provando o prazer de amar e ser amada e vivendo a experiência de receber o afeto, o carinho e a segurança que quisera sentir. "[...] Olhos a arder em

êxtases de amor, Boca a saber a sol, a fruto, a mel: Sou a charneca rude a abrir em flor!." (ESPANCA, 1931 apud RÉGIO, 1989, p. 113)

Despertava nela a alegria de sentir-se bem com a vida e com a pessoa amada.

Florbela sabia da gravidade de seu problema de saúde, por isso tamanha sua vontade de viver com Mário Lage. Mesmo doente Florbela continuou escrevendo seus livros. Escreveu o poema "*Eu"* em que explora a "ânsia de viver", a dúvida e a busca da própria identidade:

> Até agora eu não me conhecia,
> julgava que era Eu e eu não era
> Aquela que em meus versos descrevera
> Tão clara como a fonte e como o dia.
>
> Mas que eu não era Eu não o sabia
> mesmo que o soubesse, o não dissera...
> Olhos fitos em rútila quimera
> Andava atrás de mim... E não me via!
>
> Andava a procurar-me — pobre louca!-
> E achei o meu olhar no teu olhar,
> E a minha boca sobre a tua boca!
>
> E esta ânsia de viver, que nada acalma,
> E a chama da tua alma a esbrasear
> As apagadas cinzas da minha alma!
>
> (Florbela Espanca, 1923)

Nos dois primeiros quartetos, a autora relata ter se enganado por não conseguir distinguir seus próprios sentimentos e por não conhecer a si mesma. Quando expõe "olhos fitos em rútilas quimeras", a autora quer afirmar que vive de ilusão ou de fantasia e não consegue ver por trás dessas ilusões ou dessas fantasias a possibilidade de encontrar o ser amado que tanto deseja.

O exultante engano em conhecer a si torna-se algo surpreendente para ela mesma. A autora de certa forma queria encontrar-se, não havendo mais distinção entre o real e a ilusão, queria manter o desafio de viver "que nada acalma", ansiosamente um momento especial de intenso contentamento em seu espírito, onde antes eram "apagadas cinzas".

Portanto, a alegria de reconhecer sua ignorância em relação a si mesma é desviada para o encontro de si no outro – confunde-se com o outro. Na busca desse "Eu", o eu lírico acaba por encontrar-se como complemento do ser amado e

relata ansiosamente a vontade de viver intensamente este amor que finalmente encontrara.

Quando Florbela conseguiu encontrar o homem ideal que por tanto tempo procurou, vem os problemas que a fazem querer a vida com urgência.

Moisés (2008, p. 356) comenta:

> Deprimida, desiludida e doente, retira-se do convívio social apenas cultivando os raros amigos que lhe restam; mal colabora em jornais ou revistas, com breves composições. Recolhe-se a Matosinhos, em busca de melhora, alentada agora por um novo casamento com um homem à altura do seu talento.

Florbela decidiu pôr um ponto final na sua história de sofrimento, perda de entes queridos, solidão, desilusões amorosas e doenças. Quando foi diagnosticada com um edema pulmonar, a poetisa intensificou seu estado de depressão e tentou suicídio duas vezes sem êxito.

Porém, na noite de 07 para 08 de dezembro de 1930 foi para seu quarto e pediu para não ser incomodada, suicidou-se no dia que completaria 36 anos, ingerindo uma dose forte de barbitúricos, que deu fim ao seu talento intangível e singular, curiosamente da forma como antecipou em seu diário: “A vida tem a incoerência de um sonho. E se realmente estaremos a dormir e a sonhar e acabaremos por despertar um dia?” (ESPANCA, 1923 apud RÉGIO, 1989, p. 49)

Foi em Matosinhos (Porto, Portugal) que Florbela viveu até o dia de sua morte, ainda casada com Mário Lage. A última obra de Florbela Espanca foi escrita como uma despedida. Ela escreveu o “Diário do Último Ano”, premeditando sua morte, em que finalizou com estas palavras: “e não haver gestos novos nem palavras novas!”.

Após a morte da autora, o recém-viúvo dedicou-se a editar e publicar os livros de Florbela Espanca.

4 EXPRESSÃO POÉTICA FLORBELIANA

No século XX, a Literatura Portuguesa ganhou uma notável artista, Florbela Espanca, uma mulher moderna que viveu entre os movimentos simbolistas e modernistas. Entretanto, apesar de ser contemporânea dessas escolas literárias, Florbela tem seu estilo literário relacionado ao Romantismo.

Uma poetisa que viveu, segundo ela mesma descreve em um de seus poemas "*A maior tortura*", uma vida turbulenta, cheia de desilusões afetivas e amorosas em que parte desses desenganos foi causada pelos "homens" de sua vida: seu pai João Espanca, Apeles, seu irmão, e seus cônjuges Alberto Moutinho, Antônio José Guimarães e Mário Pereira Lage.

Bela, como ficou conhecida na escola, mostra em suas obras a sua vida conjugal mal-resolvida. Ela dedica-se a produzir poesia e, por meio dela, decide refletir sobre sua vida.

Por isso, para que haja uma análise coerente das obras, faz-se necessário o conhecimento prévio da vida da autora. Dessa forma, pode-se observar no estudo biográfico de Florbela Espanca que sua vida foi repleta de muitos infortúnios e em uma tentativa de amenizar seu sofrimento.

Florbela escrevia suas angústias em forma de sonetos, como no poema "In memoriam", que foi produzido após a morte de seu irmão Apeles: *"Eu fui na vida a irmã de um só Irmão / e já não sou a irmã de ninguém mais"*.

Neste poema, a autora descreve a presença do irmão em tudo o que vê, quando ela afirma nos versos: "*Tudo quanto há de vil, quanto há de belo, / Tudo era nosso irmão!".* Assim como transpôs a saudade do irmão em poesia, Moisés (2008) salienta que a autora produzia obras como quem escreve nas páginas de um "verdadeiro diário íntimo" suas ilusões amorosas, desejos carnais ou mesmo devaneios.

A poesia de Florbela recebeu muitas críticas por ter sido considerada erótica, pois, em suas obras, a autora transcrevia seus desejos de ser amada, detalhando seus anseios de mulher. A poetisa deixa esse desejo claro no poema "*Toledo"*, expondo a vontade de ser tomada pelo prazer carnal, porém não utiliza uma linguagem pejorativa ao narrar cada detalhe no poema.

Seus poemas causaram escândalos, porque a classe feminina não tinha liberdade de expressão e tudo era limitado às mulheres e, vindo de uma mulher, o conteúdo das obras não foi aceito pela sociedade, julgando-a como erótica.

> Erótica e emocionalmente insatisfeita, sofre porque a sociedade não lhe compreende o conflito interior, e põe-se a escorraçá-la por querer a realização de apetências que catalogam de imorais, sem lhes compreender o alcance e a altitude. (MOISÉS, 2008, p.357)

O erotismo não era convencional, visto com preconceito. O conhecimento etimológico da palavra, segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, assevera que “erótico é relativo ao amor ou desejo sexual, que tem amor, paixão ou desejo intenso.” (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 1189).

Então, erotismo é confundido com o termo “pornografia” que expressa o amor de forma indecente, depravando o ato sexual com expressões obscenas que descreve explicitamente essa atividade, como caracteriza o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, pornográfico é “relativo à pornografia que demonstra, descreve ou invoca luxúria, é indecente, imoral, libertino.” (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 2264).

Florbela, ao expressar sua vida em seus poemas, desafiava tabus. Mesmo fazendo uso criativo das palavras, produziu obras com carga erótica que foram julgadas como se fossem pornográficas. Contudo, a poetisa possuía característica romântica, sonhadora e que buscava mostrar por meio de suas criações o envolvimento amoroso em vários aspectos. E, em razão do caráter de diário íntimo presente em suas obras, sua poesia é chamada de poesia-confissão.

A poetisa foi muito incompreendida pela sociedade burguesa portuguesa da época que a criticou como artista e mulher, ou precisamente por ser uma mulher artista. Embora tenha sido uma das figuras mais importantes para a Literatura Portuguesa, ela só foi reconhecida após sua morte. Herdeira de um talento sublime com as palavras, Florbela escrevia com naturalidade, inspirada nas expressões de sua vida.

Florbela é considerada a mais expressiva autora do lirismo em Portugal em meados do século XX. Apesar de ela ser uma poetisa do período modernista, observa-se em suas obras algumas características românticas como a liberdade de expressão e o subjetivismo. De acordo com Régio (1989) Florbela não se filiou ao momento antagonista do Modernismo e permaneceu naturalmente com suas

criações independentes, assim suas poesias ficaram conhecidas como neo-românticas.

Suas obras eram escritas quase sempre em sonetos relacionados ao sensualismo, erotismo, tristeza, solidão, fantasias e desejos próprios. Foi considerada uma mulher corajosa que causou grande incômodo na sociedade portuguesa para a época em que vivia, onde a mulher era submissa ao homem e bem pouco destacada socialmente.

O reflexo de cada acontecimento na vida da autora era escrito em um soneto, conto ou carta, fazendo com que suas obras fossem reconhecidas como poesia-reflexo. Na busca por expressar o que sentia no íntimo, a poetisa portuguesa não continha seus pensamentos e sua linguagem poética foi condicionada por metáforas, distinguidas em plurissignificação de termos, palavras e expressões que são utilizadas muitas vezes com o sentido irreal das palavras, ou seja, no sentido conotativo. Ao analisar um texto literário, é necessário fazer uma distinção da linguagem literária e da linguagem não literária, já que o objeto de estudo da literatura é a palavra.

Segundo Moisés (2012), a linguagem literária ou poética caracteriza-se pela subjetividade advinda de metáforas e conotações, que dão o sentido proposto pelo contexto e não apenas pelo sentido real das palavras. Enquanto a linguagem não literária dirige-se a qualquer texto utilitário, que engloba as palavras em seu sentido verdadeiro e denotam aquilo que a palavra aponta de forma precisa, sem distorções.

A poesia é dotada da linguagem literária, pois o poeta exprime o que sente, usando os artifícios das palavras, a emoção e o pensamento que são transpostos por meio de sentimentos e metáforas.

No que expõe Moisés (2012, p.178): “A metáfora brota do esforço de exprimir analogias novas que o poeta descobre no mundo real ou imaginário [...]”

A metáfora, “conotativa por excelência”, é estabelecida no contexto e no contato com os outros signos linguísticos do texto, tornando-se polivalente à medida que o sentido denotativo da palavra amplia-se ou modifica-se. Portanto, a poesia é a expressão do íntimo enquanto a palavra é o signo literário, ou seja, a poesia é a expressão do “eu” por meio de palavras que são transmitidos por metáforas.

Em Florbela, a vida parece ser sempre encarada como um sonho, uma vida reinventada, em que se aprende a imaginar todos os matizes de uma mudança,

pois, pela imaginação se apreende a diversidade que compõe cada caminho. Essa mobilidade é fruto da imaginação, que não obedece à descrição real, mas a uma viagem ao próprio universo do imaginário.

Para escrever um único verso, é necessário sentir a eficácia do mobilismo imaginado para, então, ser capaz de criar metáforas repletas de sentimentalismo. Pois, a imaginação e a própria lei da expressão poética ultrapassa o pensamento.

4.1 Saudosismo

De acordo com Coelho (1979), em seu Dicionário de literatura, saudosismo é o apreço ou supervalorização do passado. Portanto, o saudosismo é uma das principais características encontradas nas poesias da autora Florbela Espanca. E, para Jacinto do Prado Coelho, a saudade é vista:

> Como tentativa de interpretação da chamada 'psique nacional', o Saudosismo deu relevo, com mais penetração e insistência do que nunca, ao complexo de valores espirituais de que a saudade é portadora e a sua importância como traço definidor [...]. (COELHO, 1979, p. 66, grifo do autor)

Na poesia saudosista florbeliana, são fortes as tendências como a *"presença e ausência",* a *"alegria e a tristeza".* A poetisa buscava incansavelmente encontrar um grande amor, ou seja, buscava a "*presença"* de um amor, mas sofreu justamente pela "*ausência"* de alguém.

É possível perceber que, quando a autora refere-se à "*alegria",* ela está referindo-se a uma alegria que viveu no passado e a "*tristeza"* normalmente é expressa no presente pelas perdas e pelos amores não correspondidos ou talvez por amores que nunca existiram, mas que ela fantasiava em seus pensamentos.

O livro de Sóror Saudade é uma das principais obras em que Florbela superestima este gosto em relatar ou expressar seu passado. Nesta obra, a poetisa expressa a saudade de sua terra natal, a saudade exagerada que sente de seu irmão e principalmente a saudade de amores que existiram somente na sua imaginação.

Observe como a autora expressa seus sentimentos no soneto *"Saudades":*

Saudades

Saudades! Sim... Talvez... E por que não?...
Se o sonho foi tão alto e forte
Que pensara vê-lo até à morte
Deslumbrar-me de luz o coração!

Esquecer! Para quê?... Ah, como é vão!
Que tudo isso, Amor, nos não importe
Se ele deixou beleza que conforte
Deve-nos ser sagrado como o pão.

Quantas vezes, Amor, já te esqueci,
Para mais doidamente me lembrar
Mais doidamente me lembrar de ti!

E quem dera que fosse sempre assim:
Quanto menos quisesse recordar
Mais saudade andasse presa a mim!

(Florbela Espanca, 1923)

Neste soneto, a autora acredita que este amor foi um sonho do passado que vale a pena ser lembrado todos os dias “até a morte”.

Florbela compara esse sentimento a algo essencial como o próprio alimento, que concretiza o que sua alma deseja em meio à sua fragilidade. Refere-se à beleza interior, falando de sentimentos, de amor e de dor.

Nos dois tercetos, busca incansavelmente reviver essas lembranças que lhe são fugidias e retomam “doidamente”, recordar alguém que já tentou esquecer para tentar lembrar como se o objetivo desse amor fosse sentir saudades e não propriamente amar e ser correspondida. A autora relata ser desnecessário esquecer este amor que foi tão intenso para justamente recordar com saudade. (ESPANCA, 1923 apud RÉGIO, 1989, p. 95)

4.2 Narcisismo

O termo narcisismo surgiu da mitologia grega, cujo nome é derivado de um jovem chamado Narciso. Narciso era dotado de uma beleza singular e acabou apaixonando-se pela própria imagem. A paixão por si mesmo levou Narciso a contemplar sua beleza em um lago até a morte. A lenda grega remete à percepção

do comportamento humano de supervalorização da própria imagem, o desinteresse pelo mundo e engrandecimento do próprio ego. (NARCISO, 2014)

Por sua vez, o narcisismo é uma das características marcantes nas obras de Florbela, em outras palavras, o termo narcisismo significa um amor incondicional por si mesmo, neste caso, impossibilitando-o de levar uma vida normal no sentido amoroso e social. E o que se ver nas poesias de Florbela é a busca exacerbada de um possível homem perfeito para amá-la, ou seja, Florbela parece não querer amar e sim ser amada com condições impostas por ela.

> [...] no narcisismo de Florbela há uma garridice que nos impressiona por muito feminina: também, às vezes, ela se não encanta consigo mesma senão para atrair o amado; ou como para valorizar aos olhos dele a sua dádiva de si. (RÉGIO, 1989, p.18)

Uma pessoa narcisista, certamente, não conseguirá amar “alguém real”, seu objeto de desejo está muito além de sua imaginação. Todas estas características estão presentes nos poemas de Florbela que busca o ideal, a perfeição, enfim, que vive em um mundo imaginário. Florbela deixa claro estas características no poema Prince Charmant, abaixo:

A Raul Proença

No lânguido esmaecer das amorosas
Tardes que morrem voluptuosamente
Procurei-o no meio de toda a gente.
Procurei-o em horas silenciosas

Das noites da minh'alma tenebrosas!
Boca sangrando beijos, flor que sente...
Olhos postos num sonho, humildemente...
Mãos cheias de violetas e de rosas...

E nunca o encontrei!... Prince Charmant
Como audaz cavaleiro em velhas lendas
Virá, talvez, nas névoas da manhã!

Ah! Toda a nossa vida anda a quimera
Tecendo em frágeis dedos frágeis rendas...
— Nunca se encontra Aquele que se espera!...

(Florbela Espanca, 1923)

Neste soneto, Florbela fala da procura por seu príncipe encantado “Charmant”, usando uma linguagem rebuscada e ao mesmo tempo sensual para expressar o desejo de encontrar seu amado.

Observe o significado do seguinte trecho: “No lânguido esmaecer das amorosas/ Tardes que morrem voluptuosamente”, seria como dizer “no sensual

desbotar do dia, das amorosas tardes que passam prazerosas de sensações". A autora usa uma linguagem "sensual" para dizer que procurou em meio a tantos e não encontrou o seu tão sonhado príncipe.

A poetisa traduz seu ideário de amor, mas procurava em horas silenciosas aquele que a atendesse a seus desejos, porém nunca capaz de satisfazê-la completamente. Ao chegar à noite, sua "alma tenebrosa" ardia de desejos carnais carregadas de sonhos eróticos contrastando com suas "mãos cheias de violetas e de rosas". Tudo na busca incansável de um amor verdadeiro. Contudo, ela sabia que suas buscas eram tecidas de ilusões, pois concretiza dizendo: "— Nunca se encontra Aquele que se espera![...]" (ESPANCA, 1923 apud RÉGIO, 1989, p. 88)

Ao referir-se a Florbela como narcisista, apresenta-se uma mulher completamente insatisfeita na vida amorosa. Régio (1989) chama sua insatisfação amorosa de "insaciabilidade", ou seja, uma mulher incapaz de aceitar as diferenças do outro em que nenhum amor por melhor que seja seria o suficiente para uma mulher com tantas exigências, como foi Florbela Espanca.

5 PRINCIPAIS OBRAS POÉTICAS DE FLORBELA ESPANCA

As poesias de Florbela são de cunho dramático que expressam o “amor”, a “dor” e a “desilusão”. Todo drama tem um único objetivo: amar e ser amada. Esta é a busca incansável da poetisa, um amor perfeito.

Os únicos livros que foram publicados enquanto Florbela era viva, foram: “Livro de mágoas” em 1919 na capital de Lisboa e o “Livro de Sóror Saudade” em 1923, em que consta parte dos sonetos do Livro de Mágoas.

Nestes dois livros, são encontradas características de saudade, drama íntimo e ternura pela terra-mãe, em que a autora refere-se *“a terra alentejana”* onde nasceu, mas a característica mais marcante destas duas obras é o romantismo.

Somente após a morte de Florbela, foram publicados os livros “Charneca em flor” em Lisboa em 1931, “As máscaras do destino” e “O Dominó Negro” em Porto no ano de 1931, e o “Diário do último ano” foi publicado em Lisboa apenas em 1981.

Em Coimbra foram reunidas as cartas de Florbela a Guido Batteli em um livro e publicadas as “Cartas de Florbela Espanca” no ano de 1931.

Hoje é possível observar que as obras da poetisa estão sendo cada vez mais reconhecidas. Por essa razão, Florbela é considerada uma expoente da Literatura Portuguesa. Sua vida e seus poemas passaram a fazer parte dos materiais didáticos das escolas.

5.1 Livro de Mágoas

O Livro de Mágoas foi publicado em 1919, quando Florbela tinha aproximadamente 25 anos de idade. Neste período, era casada com Alberto Moutinho, mas a relação ficou conturbada devido a problemas financeiros e seu delicado estado de saúde. Nesta obra, revela em cada verso o culto literário da dor correspondente ao que ela vivia na época. Sonetos como “Castelã da Tristeza”, “Tortura”, “A minha Dor” ou “A minha tragédia” compõem o Livro de Mágoas.

O título do livro “Mágoas” faz jus ao nome, já que os poemas que compõem a coletânea são repletos de sentimentos negativos, causados pelo amor não atingido, onde a autora põe em destaque a desilusão, o pessimismo, o medo da velhice e o medo de não ser reconhecida através de suas poesias.

Para melhor compreensão do que será abordado a respeito desta obra, serão analisados alguns poemas que compõem o livro de Mágoas para entendimento mais aprofundado da obra.

A autora começa escrevê-lo com o soneto “Este livro...” onde descreve o motivo pela qual desenvolveu esta obra.

> Este livro é de mágoas. Desgraçados
> Que no mundo passais, chorai ao lê-lo!
> Somente a vossa dor de Torturados
> Pode, talvez, senti-lo... e compreendê-lo.
>
> Este livro é para vós. Abençoados
> Os que o sentirem, sem ser bom nem belo!
> Bíblia de tristes... Ó Desventurados,
> Que a vossa imensa dor se acalme ao vê-lo!
>
> Livro de Mágoas... Dores... Ansiedades!
> Livro de Sombras... Névoas e Saudades!
> Vai pelo mundo... (Trouxe-o no meu seio...)
>
> Irmãos na Dor, os olhos rasos de água,
> Chorai comigo a minha imensa mágoa,
> Lendo o meu livro só de mágoas cheio!...

A escritora tem a intenção de levar o leitor a identificar-se com a obra ao ver que tais sentimentos de mágoas são comuns entre ele e o eu lírico. Ela dedica o soneto aos “desgraçados” no amor, com o sentido real da palavra afirmando que só aqueles que sofrem desse mal serão capazes de compreendê-lo.

O soneto é uma apresentação do livro aos leitores, em específico aos sofridos e até compara-o a uma escritura sagrada dos corações tristes, de modo a acalmar o leitor que sofre pelas inquietações da vida.

No primeiro terceto, a autora relata as principais características do livro: “Livro de Mágoas... Dores... Ansiedades! Livro de Sombras... Névoas e Saudades! Vai pelo mundo... (Trouxe-o no meu seio...)”. (ESPANCA, 1919 apud RÉGIO, 1989, p. 37) São palavras que caracterizam o que cada pessoa pode passar, são sentimentos iguais espalhados pelo mundo e que Florbela também carregava com ela.

No segundo terceto, a autora pede aos seus leitores que se emocionem ao ler seus desabafos, sintam o que a autora sentiu ao escrevê-lo.

A poetisa fala também do próprio livro em um outro soneto: “A um livro”.

No silêncio de cinzas do meu Ser
Agita-se uma sombra de cipreste,
Sombra roubada ao livro que ando a ler,
A esse livro de mágoas que me deste.

Estranho livro aquele que escreveste,
Artista da saudade e do sofrer!
Estranho livro aquele em que puseste
Tudo o que eu sinto, sem poder dizer!

Leio-o, e folheio, assim, toda a minh’alma!
O livro que me deste é meu, e salma
As orações que choro e rio e canto! ...

Poeta igual a mim, ai quem me dera
Dizer o que tu dizes! ... Quem soubera
Velar a minha Dor desse teu manto! ...

A autora destaca que sua vida é transcrita em um livro. Antes “uma sombra de cipreste”, sossego, paz, serenidade; depois “agitação, desencanto e dor. A vida mostrou-se diferente, pois as lembranças do “agora” roubaram-lhe a sombra à qual vivia, lembranças de algo que a autora não podia dizer, mas que estava predestinada a aceitar.

A poesia-confissão da autora aparece com uma linguagem precisa, artista da saudade e do sofrimento, aceita, vive e relembra cada página deste “livro”, sabendo esconder o sofrimento causado pelo suposto poeta, autor da vida da autora.

Assim como expressa o romantismo em suas produções, Florbela enfeita seus poemas com um dramatismo romântico. O dramático é umas das principais características encontradas nas obras da autora, que se sente incompreendida. Esta dramaticidade pode ser encontrada no poema *“Em busca de amor”.*

O poema pode ser entendido como uma narração do próprio eu lírico, uma retrospectiva que a autora faz. O primeiro verso do poema aponta: *“O meu Destino disse-me a chorar:”,* a palavra “Destino” está escrita com inicial maiúscula, fica claro que a poetisa deu um destaque à palavra e, neste caso, pode estar referindo-se às lembranças de seu passado e aos acontecimentos dramáticos que se ocasionaram em sua vida.

Nota-se que, nos versos do primeiro e segundo quarteto, a autora expressa o sentimento de esperança: esperança de encontrar o seu amado. Estes dois quartetos referem-se às lembranças de quando ainda jovem.

Em busca do amor

O meu Destino disse-me a chorar:
Pela estrada da Vida vai andando,
E, aos que vires passar, interrogando
Acerca do Amor, que hás de encontrar.

Fui pela estrada a rir e cantar,
As contas do meu sonho desfiando...
E noite e dia, a chuva e ao luar,
Fui sempre caminhando e perguntando...

Mesmo a um velho eu perguntei: “Velhinho,
Viste o Amor acaso em teu caminho?”
E o velho estremeceu... olhou... e riu...

Agora pela estrada, já cansados,
Voltam todos pra trás desanimados...
E eu paro a murmurar: “Ninguém viu!”...

No primeiro terceto, a autora remete-se à maturidade que o ser humano adquire no decorrer dos anos, mas pode ser visto também como quem faz uma viagem ao passado e ver que a busca por esse amor perfeito não passou de sonho, ilusão ou fantasia de uma jovem adolescente.

No último terceto, o eu-lírico ver-se sozinho, já cansado e desanimado por esperar o ser amado, ou melhor, está cansado de procurar e não encontrar em nenhum ser humano o seu ideal, conformado e exclamando o fato de que ninguém viu em toda a vida um amor verdadeiro, que chega a um determinado momento em que as conclusões se repetem, “Ninguém o viu”, assim, todos desanimam de procurá-lo.

O poema “Fanatismo*”,* que serviu de influência para o cantor e compositor brasileiro Fágner*,* trata do amor e da dor como se um completasse o outro. A autora escreveu o poema “Fanatismo” em primeira pessoa, outra característica marcante da escritora. Neste poema, o eu-lírico sofre com a ausência de seu amado.

Minh'alma, de sonhar-te, anda perdida.
Meus olhos andam cegos de te ver.
Não és sequer razão do meu viver
Pois que tu és já toda a minha vida!

Não vejo nada assim enlouquecida...
Passo no mundo, meu Amor, a ler
No mist'rioso livro do teu ser
A mesma história tantas vezes lida!...

'Tudo no mundo é frágil, tudo passa... '
Quando me dizem isto, toda a graça
Duma boca divina fala em mim!

E, olhos postos em ti, digo de rastros:
'Ah! podem voar mundos, morrer astros,
Que tu és como Deus: princípio e fim!'...

(Florbela Espanca, 1930)

No primeiro quarteto, os versos "*minh'alma de sonhar-te anda perdida./ Meus olhos andam cegos de te ver! (...)"* expressam a forma dramática usada pela autora, que pode ser entendida como quem quer dizer que só tem olhos para uma pessoa, alguém que vive somente para a pessoa amada e em todos os lugares sente, ver e lembra-se do ser que ama. Ainda no primeiro quarteto, nos versos "*não és sequer razão do meu viver/ pois que tu és já toda a minha vida"*, a autora fala desse sentimento que já a tomou completamente e não há nada que possa comparar a esse intenso amor.

No segundo quarteto, o amor é comparado a uma loucura e que a pessoa vive em função do ser amado, alguém incapaz de viver naturalmente, em outras palavras, vive aprisionado no mundo daquele que ama.

No primeiro terceto, o eu-lírico parece não se importar com o sofrimento causado pelo amor, possibilitando entender que o "Amor e a dor" só existem se o outro também existir. Ainda no primeiro terceto onde afirma que "*tudo no mundo é frágil, tudo passa..."*, o destaque ao sofrimento e a angústia de um amor sofrido são evidentes. O eu-lírico declara que, apesar das desilusões amorosas ou das dores causadas pelo seu amado, "*tudo passa",* ou melhor, o sofrimento acaba e o amor retorna naturalmente mais forte e avassalador.

No último terceto, o eu-lírico compara seu amado com Deus, amor esse tão forte que lhe dá forças para viver, não importa o que venha a acontecer que a intensidade de amar será a mesma. A imagem masculina é descrita como alguém dotado de tal poder que passa a ser o responsável pela vida da mulher que o ama, sendo, além de tudo, a sua origem e o seu fim.

Os sonetos do Livro de Mágoas remetem o leitor ao sofrimento e às angústias que a autora viveu. Simbolicamente, o Livro de Mágoas representa as desilusões, decepções, medos, angústias, desejos e sonhos de sua vida.

5.2 Sóror Saudades

No nome dado ao livro Sóror Saudade, a palavra *sóror* vem do latim que significa “irmã”, e *sóror* é também uma forma de tratamento dado às freiras. Ao ler atentamente o livro Sóror Saudade, pode-se notar que o nome dado ao livro é em homenagem a um grande amigo da poetisa Florbela. Esta afirmação dá-se devido à análise feita sobre o primeiro poema escrito do livro, Sóror Saudade, onde a autora relata um momento em que esteve com seu amigo Américo Durão, e ele a chama de “Irmã, Sóror Saudade”.

Observe o poema que a autora escreveu para expressar o sentimento que Américo Durão lhe proporcionou:

"SÓROR SAUDADE"
A Américo Durão

Irmã, Sóror Saudade me chamaste...
E na minh'alma o nome iluminou-se
Como um vitral ao sol, como se fosse
A luz do próprio sonho que sonhaste.

Numa tarde de Outono o murmuraste,
Toda a mágoa do Outono ele me trouxe,
Jamais me hão de chamar outro mais doce.
Com ele bem mais triste me tornaste...

E baixinho, na alma da minh'alma,
Como bênção de sol que afaga e acalma,
Nas horas más de febre e de ansiedade,

Como se fossem pétalas caindo
Digo as palavras desse nome lindo
Que tu me deste: "Irmã, Sóror Saudade..."
(Florbela Espanca 1923)

No primeiro quarteto, a poetisa diz que o nome dado a ela pelo amigo é como se fosse o encaixe perfeito. Já que no momento de uma suposta conversa entre eles, Américo Durão resume a pessoa de Florbela como “Irmã, Sóror Saudade”. Pode-se afirmar que Américo compara Florbela a uma freira, ou seja,

uma irmã com sentimentos bons e de coração puro. No entanto, não se pode esquecer que Américo a chamou de “Irmã Sóror Saudade”, isso significa dizer que Florbela é uma boa mulher, mas sofre de um sentimento que lhe causa dor e saudade.

Já no segundo quarteto, a poetisa expõe que, ao receber este nome, todo o sofrimento ou mágoa recai sobre ela e confirma com o verso: “*Toda a mágoa do Outono ele me trouxe*,”. (ESPANCA, 1923 apud RÉGIO, 1989, p. 73)

Ela completa seu pensamento salientando que nunca mais alguém irá de classificá-la tão bem, ou seja, classificar no sentido de entendê-la.

O poema generalizou a sua vontade de ser compreendida, pois se tratou de uma denominação inigualável para Florbela, uma combinação de palavras que exprimiu perfeitamente o estado de espírito da autora, como ela vivia e o que sentia.

O seguinte poema traz fortes características saudosistas e é dedicado a uma amiga de infância, Buja. A autora fala da imensa saudade de um possível amor que talvez nunca tenha sido correspondido e também das saudades da terra onde nasceu.

ALENTEJANO
À Buja

Deu agora meio-dia; o sol é quente
Beijando a urze triste dos outeiros.
Nas ravinas do monte andam ceifeiros,
Na faina, alegres, desde o sol nascente.

Cantam as raparigas meigamente.
Brilham os olhos negros, feiticeiros.
E há perfis delicados e trigueiros
Entre as altas espigas d'oiro ardente.

A terra prende aos dedos sensuais
A cabeleira loira dos trigais
Sob a bênção dulcíssima dos céus.

Há gritos arrastados de cantigas...
E eu sou uma daquelas raparigas...
E tu passas e dizes: "Salve-os, Deus!"

(Florbela Espanca, 1923)

Florbela relembra o passado em que viveu em Alentejo, lembra-se dos dias ensolarados e quentes, da lavoura onde transitam os homens e mulheres que

ceifam, dos rostos bonitos que se disfarçam no meio da plantação de trigo, pessoas que trabalhavam manuseando a terra com delicadeza e prazer. Mesmo trabalhando debaixo de um sol escaldante, as moças pareciam conformadas por estarem cantando. No meio delas, a autora destaca-se e aponta outro observador que exprime uma prece àquelas moças ceifeiras.

No poema “O Meu Mal”, Florbela fala da saudade que sente do irmão Apeles Espanca.

O MEU MAL
A meu irmão

Eu tenho lido em mim, sei-me de cor,
Eu sei o nome ao meu estranho mal:
Eu sei que fui a renda dum vitral,
Que fui cipreste, caravela, dor!

Fui tudo que no mundo há de maior:
Fui cisne, e lírio, e águia, e catedral!
E fui, talvez, um verso de Nerval,
Ou um cínico riso de Chamfort...

Fui a heráldica flor de agrestes cardos,
Deram as minhas mãos aroma aos nardos...
Deu cor ao eloendro a minha boca...

Ah! De Boabdil fui lágrima na Espanha!
E foi de lá que eu trouxe esta ânsia estranha,
Mágoa não sei de quê! Saudade louca!

(Florbela Espanca, 1931)

No nome do poema, a autora reconhece que o sentimento exagerado pelo irmão a faz mal, “*Eu tenho lido em mim, sei-me de cor, / Eu sei o nome ao meu estranho mal:”*. (ESPANCA, 1931 apud RÉGIO, 1989, p. 83)

Ela se refere ao irmão com o sentimento de culpa, desprezo de si mesma e confissão do seu *“estranho mal”*.

Ela compara o sentimento de sofrimento com a delicadeza de uma renda pintada sobre o vidro, sendo que a renda e o vidro são extremamente delicados e frágeis. Quando a autora alude: *“Que fui cipreste, caravela, dor!”*, compara também o sentimento de tanta saudade ao luto, à morte e à dor.

5.3 Charneca em Flor

A coletânea "*Charneca em Flor*" abrange aspectos como a problemática de sua personalidade juntamente com a perda da identidade, o aspecto do amor e da sensualidade aflorada. Charneca em flor é literalmente uma planta florescendo e, neste sentido, Florbela Espanca floresce dentro de si, desabrochando seus anseios, desejos e dúvidas.

O tema principal desta coletânea é essencialmente o erotismo e o amor incondicional. Estes aspectos definem a personalidade da autora, o sensualismo florbeliano que pode ser observado através do primeiro soneto da coletânea que também é intitulado *"Charneca em Flor",* onde termos citados como *"febre ansiosa"* ou *"êxtases de amor"* referem-se eroticamente ao amor físico.

A linguagem ardente envolve desejos presentes na vida da autora, desejos que afloram sem medo, deixando para trás o sentimento de tristeza, de saudade e dor. Florbela utiliza com demasiada frequência expressões que despem a máscara que oculta o seu verdadeiro "eu".

Esta coletânea faz com que Florbela se diferencie das outras escritoras do seu tempo, destacando-se no universo literário com cada vez mais ousadia. As produções são vistas como eróticas para o tempo em que viveu. O poema *"Toledo"* é um exemplo no qual nota-se a evidência do desejo carnal e do prazer:

> Diluído numa taça de oiro a arder
> Toledo é um rubi. E hoje é só nosso!
> O sol a rir... Viv'alma... Não esboço
> Um gesto que me não sinta esvaecer...
>
> As tuas mãos tateiam-me a tremer...
> Meu corpo de âmbar, harmonioso e moço
> É como um jasmineiro em alvoroço
> Ébrio de sol, de aroma, de prazer!
>
> Cerro um pouco o olhar onde subsiste
> Um romântico apelo vago e mudo,
> — Um grande amor é sempre grave e triste.
>
> Flameja ao longe o esmalte azul do Tejo...
> Uma torre ergue ao céu um grito agudo...
> Tua boca desfolha-me num beijo...
>
> (Florbela Espanca 1930)

Inicialmente, a poetisa imagina um cenário romântico e ao mesmo tempo sensual, já que “Toledo” é uma cidade da Espanha onde a sensualidade é extremamente viva, propícia para um jovem casal apaixonado. Manifesta um momento único do casal, celebrado de maneira singular.

O erotismo visto nos versos do soneto explora desejos íntimos entre um casal. A descrição minuciosa repleta de ousadia e delicadeza, expressa o prazer de ter perto de si um grande amor, porém “grave e triste”. Talvez por não tê-lo, quando quisesse. A ansiedade de esperá-lo, de querê-lo, e, finalmente, de tê-lo ao “desfolhar-lhe” em um beijo é o que lhe conforta.

Em outro soneto, a autora duvida do próprio “eu” e enfrenta uma constante problemática: a incerteza da sua identidade. Compara-se a elementos da natureza, inferioriza-se e não se identifica consigo mesma. Essas características estão fortemente perceptíveis no poema *“Minha culpa”:*

Sei lá! Sei lá! Eu sei lá bem
Quem sou? Um fogo-fátuo, uma miragem...
Sou um reflexo... um canto de paisagem
Ou apenas cenário! Um vaivém

Como a sorte: hoje aqui, depois além!
Sei lá quem sou? Sei lá! Sou a roupagem
De um doido que partiu numa romagem
E nunca mais voltou! Eu sei lá quem!...

Sou um verme que um dia quis ser astro...
Uma estátua truncada de alabastro...
Uma chaga sangrenta do Senhor...

Sei lá quem sou? Sei lá! Cumprindo os fados,
Num mundo de maldades e pecados,
Sou mais um mau, sou mais um pecador...

O sentimento de instabilidade é bastante visível. Os primeiros versos são dotados de dúvidas a respeito da própria personalidade em seguida surgem comparações com os mais variados elementos da natureza. Ao chamar-se de “*reflexo”,* “*miragem”, “cenário”* a autora expressa uma personalidade instável e irreal. Aumenta o sentimento de marginalização ao comparar-se à *“roupagem de um doido”* ou a um *“verme”*. Logo, deprecia seu ser ao afirmar severamente que não há propósito em sua vida, pois vive apenas “*cumprindo os fados”* em meio ao mundo cruel e repleto de pecado.

Ela descreve também esses desejos em outros sonetos, que são vistos como eróticos, que podem ser percebidos em uma breve análise do poema “Se tu viesses ver-me”:

> “Se tu viesses ver-me hoje à tardinha,
> A essa hora dos mágicos cansaços,
> Quando a noite de manso se avizinha,
> E me prendesses toda nos teus braços...
>
> Quando me lembra: esse sabor que tinha
> A tua boca... o eco dos teus passos...
> O teu riso de fonte... os teus abraços...
> Os teus beijos... a tua mão na minha...
>
> Se tu viesses quando, linda e louca,
> Traça as linhas dulcíssimas dum beijo
> E é de seda vermelha e canta e ri
>
> E é como um cravo ao sol a minha boca...
> Quando os olhos se me cerram de desejo...
> E os meus braços se estendem para ti...
>
> (Florbela Espanca, 1931)

É possível notar que, nesse poema, a autora escreve mais uma vez com sensualismo, mas delicadamente manuseia as palavras para descrever suas lembranças vivas ou apenas imaginações do ato sexual. Na primeira estrofe, ela anseia receber a visita de seu possível amante, induzindo o termo “mágico cansaço” ao contraste das palavras, em que na primeira ela manifesta o desejo delirante de chegar ao prazer carnal e na segunda palavra ela fala do esgotamento do corpo após o ato sexual.

Na segunda estrofe, a autora relembra momentos de carícias e sensações marcantes de seu amante, momentos singelos, mas de intenso significado quando se ama. Na terceira e quarta estrofes, ela assemelha sua boca à seda pela delicadeza e à cor vermelha ao cravo ardente ao sol, quente de desejo.

É possível notar fortes aspectos de erotismo, delicados e perspicazes dentro de uma linguagem culta, característica forte da poesia florbeliana.

Moisés (2008, p.358) pontua sobre Florbela Espanca que “outra voz feminina não se ergueu até hoje”, uma alma tão intensa, mórbida até, mas que ninguém, senão ela que traduziu femininamente amor, dor e desejos. Essa voz feminina é manifestada em um soneto de fortes impulsos eróticos, “*Volúpia”:*

No divino impudor da mocidade,
Nesse êxtase pagão que vence a sorte,
Num frêmito vibrante de ansiedade,
Dou-te o meu corpo prometido à morte!

A sombra entre a mentira e a verdade...
A nuvem que arrastou o vento norte...
— Meu corpo! Trago nele um vinho forte:
Meus beijos de volúpia e de maldade!

Trago dálias vermelhas no regaço...
São os dedos do sol quando te abraço,
Cravados no teu peito como lanças!

E do meu corpo os leves arabescos
Vão-te envolvendo em círculos dantescos
Felinamente, em voluptuosas danças...

O eu-lírico revela um desejo exacerbado de impureza, um corpo em "êxtase pagão" que, mesmo sofrido, entrega-se ao amado. Essa entrega vibrante e ansiosa se sustenta em uma fantasia criada ao amor contundente, algo que não se evidência em meio à sua situação de mentiras e verdades, mas que sustenta seus desejos.

A poetisa fala da alucinação, sensualidade e malícia de seu corpo, ardente e delicado. Os "leves arabescos" transcrevem o envolvimento dos corpos entrelaçados em algo externamente grande, algo maior que o desejo insaciável, festivos na sedução carnal.

No soneto "*Ser poeta*", a autora relata claramente as dificuldades que encontrou perante uma sociedade de preconceitos contra a mulher do século XX. Explica o que é ser um poeta de verdade, observe:

Ser Poeta é ser mais alto, é ser maior
Do que os homens! Morder como quem beija!
É ser mendigo e dar como quem seja.
Rei do Reino de Aquém e de Além Dor!

É ter de mil desejos o esplendor
E não saber sequer que se deseja!
É ter cá dentro um astro que flameja,
É ter garras e asas de condor!

É ter fome, é ter sede de Infinito!
Por elmo, as manhãs de oiro e de cetim...
É condensar o mundo num só grito!

E é amar-te, assim, perdidamente...
É seres alma e sangue e vida em mim
E dizê-lo cantando a toda gente!
(Florbela Espanca, 1931)

A autora retrata em suas primeiras palavras que “ser poeta” é ter pulso firme; é não ter que se humilhar perante uma sociedade de preconceitos e é ser literalmente *“maior do que os homens!”,* ou seja, tomar uma posição superior. Florbela expõe os grandes desejos e sonhos do ser poeta e as dificuldades de ser aceita e reconhecida como tal.

Ela relata a constante luta pela liberdade de expressão, ao mesmo tempo em que o ser poeta deve ser audacioso para buscar seu reconhecimento na sociedade. Além dessa bravura “*de condor”*, o poeta deve ter principalmente a sensibilidade de expressar seus anseios seja ele qual for.

Segundo Moisés (2008), Florbela Espanca era dotada de uma sensibilidade intangível e escrevia sem nenhum preconceito e timidez. Por meio das análises de seus sonetos, percebe-se que ela foi uma poetisa de grande cunho confessional, inquieta em transpor sua vibrante feminilidade de forma sincera, sensível, ousada e ainda romântica.

6 CONCLUSÃO

Em uma sociedade contemporânea, estudar as obras poéticas de Florbela Espanca, uma artista do século XX, é conhecer o inventivo espírito da humanidade através do tempo, pois os poemas dessa artista exploravam de forma magistral e delicada sentimentos humanos comuns, tais como: melancolia, sofrimento, paixão e felicidade.

Por essa razão, compreender a expressão poética de uma artista que estava além de sua época é ao mesmo tempo refletir sobre a essência do ser humano. Florbela Espanca traduziu poeticamente seu interior, transcrevendo suas mágoas, amores e desejos em cartas, contos e sonetos como em um diário íntimo.

Encontra-se, nas obras de Florbela Espanca, uma mulher extremamente sensível, com a alma cheia de inquietações e dúvidas, de amor e dor, nem sempre feliz ou correspondida. Em outras palavras, a expressão poética de Florbela é o desejo, o amor, a saudade e, principalmente, a dor, sempre na busca de algo aparentemente inalcançável.

Criada em um ambiente de liberdade, fora dos padrões tradicionais, que lhe influenciaram a produzir suas obras, acima de qualquer convenção social, a artista se impôs mesmo em face do preconceito da sociedade da época. Em um primeiro momento, percebe-se que suas obras são uma tentativa de encontrar a própria identidade, às vezes, perdida nas aflições do seu interior, ou mesmo a busca insaciável de outro alguém.

Mesmo compondo no início do século XX, seu fervor amoroso e confessional continua tocante e atual. A sua produção não se vinculou ao estilo de época vigente, ou seja, não aderiu à escola literária modernista. Reside nesse aspecto um dos elementos que transformam sua obra em um relato singular na forma e no conteúdo.

Portanto, o conhecimento acerca da produção literária de Florbela Espanca e de sua vida contribui para o encantamento com sua habilidade de escritora e com sua sensibilidade poética. Além disso, possibilita a reflexão das ideias que permeiam os seus poemas, pois, por meio de versos, a poetisa assinala uma capacidade de investigação da natureza humana e da vida em sociedade com os conflitos internos que afligem o indivíduo.

REFERÊNCIAS

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi **Psicologias:** uma introdução ao estudo de psicologia. 14. ed., São Paulo: Saraiva, 2008.

COELHO, Jacinto do Prado, **Dicionário de literatura**, 3. ed., v.10, Porto Figueirinhas, 1979.

ESPANCA, Florbela; FREIRE, Antonio. **O destino em Florbela Espanca**. Porto: Edições Salesianas, 1977,

GUEDES, Rui. **Florbela Espanca- fotobiografia**. Portugal: Publicações Dom Quixote, 1985.

_____. **Contos e diário**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000.

HOUAISS, Antônio ; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. São Paulo: Cultrix, 2008

_____. **A criação literária.** São Paulo: Cultrix, 2012.

NARCISO. Disponível em:<HTTPS://pt.wikipédia.org/wiki/Narciso>. Acesso em: 22 jun. 2014.

RÉGIO, José. **Florbela Espanca sonetos.** 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

A SITUAÇÃO das mulheres no século XX em Portugal. Disponível em: <http://caminhosdamemória.wordpress.com/2008/07/07/a-situação-das-mulheres-no-seculo-xx-em-portugal-1>. Acesso em: 22 jun. 2014.

TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda europeia e modernismo brasileiro:** apresentação dos principais poemas metalinguísticos, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 a 1972. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

VICENTINO, Claudio, **História geral.** São Paulo: Scipione, 1997.